

www.momento.uff.br

MOMENTO

uff

Publicação da Universidade Federal Fluminense - nº 148 - Abril / Maio 2004

Paísagens da Memória

página 6



Uma nova proposta para o tratamento do HPV
página 4

Nelson Cavaquinho, compositor da melancolia
página 10

Editorial

Uma reforma universitária orientada pelo interesse público é aquela pela qual a nação anseia e para a qual está madura. As universidades públicas, nos últimos anos, foram cantadas em prosa e verso na mesma proporção em que foram sacrificadas. É preciso não esquecer que a universidade, como instituição acadêmica, tem quase dez séculos de existência e, desde sua origem, se dedicou à formação intelectual e moral dos jovens pelo cultivo do estudo, do saber e da busca da verdade. Durante toda sua vida, soube consolidar-se e transformar-se para responder afirmativamente aos desafios peculiares a cada período histórico.

Com suas características próprias, a instituição vem atravessando séculos, algumas vezes mudando aqui e ali, mas conservando o essencial. Assim, refletir sobre a universidade no século XXI é situá-la no contexto das vicissitudes de que emergiu renovada a cada nova crise. Pensar a universidade é pensar as questões cruciais da humanidade levando-se em conta suas diferenças históricas, sociais e culturais. No entanto, é preciso perceber que, nos últimos anos, alternando neoliberalismo e, em certas ocasiões, ironias desrespeitosas, os mais recentes responsáveis pela pasta da Educação têm demonstrado não compreender a universidade em sua verdadeira dimensão, confundindo sua crise presente com sua própria natureza, o que está longe de ser verdade.

Qualquer projeto de uma nova universidade que não apresente uma solução para o problema do financiamento, por exemplo, será mero exercício de retórica. Os recursos para o sistema devem ser uma questão a ser resolvida “depois”, quando as bases doutrinárias do novo projeto já estiverem definidas. Para isso, serão decisivos: o peso político e a capacidade de argumentação do ministro Tarso Genro na frente da área econômica do governo; sua experiência

de interlocução com os mais diferentes setores da sociedade e a definição de “agendas positivas” que despertem a responsabilidade pública dos agentes da sociedade civil. Esperamos que sua visão de futuro o auxilie a compreender as dificuldades presentes em sua verdadeira dimensão.

A reforma universitária deve, portanto, contemplar, no mínimo, cinco vetores estratégicos: primeiro, a redefinição do estatuto jurídico das universidades, permitindo a implantação da autonomia, quer das públicas frente ao Estado, quer das privadas frente às respectivas mantenedoras; segundo, a definição de um novo perfil para o sistema de ensino superior, possibilitando o desenvolvimento de modelos institucionais distintos, correspondentes a vocações institucionais igualmente distintas; terceiro, a criação de um sistema nacional de avaliação de desempenho institucional que respeite a diversidade das universidades; quarto, um novo plano de carreira e salários para os servidores docentes e técnico-administrativos; e, finalmente, a redefinição do sistema de financiamento, segundo o princípio do engajamento de responsabilidades do Estado e da sociedade, possibilitando metas de expansão quantitativa e de democratização do sistema, garantidos os padrões de qualidade objetivamente definidos e aceitáveis.

Não há possibilidade de uma verdadeira reforma se esses pontos não forem abordados simultaneamente. A ausência da visão estratégica que eles representam poderá levar o titular da pasta da Educação a se perder no emaranhado dramático dos problemas cotidianos das instituições, implementando medidas meramente burocráticas e enfraquecendo a proposta de uma reforma universitária abrangente e condizente com as mudanças econômicas, sociais e culturais que vivemos neste novo século.



1964/2004:
ONTEM, HOJE E DEPOIS

Eurico de Lima Figueiredo

Provocando uma profunda inflexão na trajetória republicana do país, o Movimento de

31 de Março de 1964 inaugurou uma nova e complexa etapa. Não cabe, aqui, por certo, um exame circunstanciado de sua índole e de suas motivações políticas e ideológicas, econômicas e sociais, até mesmo culturais. Pode-se tentar indicar, entretanto, alguns pontos marcantes de sua complexidade. De fato, o Movimento, no decorrer de sua ação, conviveu com linhas de continuidade da vida nacional, que vinham de longe, e, ao mesmo tempo, fez irromper fortes pontos de descontinuidade na formação histórica brasileira. Novo, por exemplo, foi o papel que os militares passaram a desempenhar, abandonando o padrão de moderação e mediação, presentes pelo menos desde a Proclamação da República, e passando a atuar como protagonistas decisivos no processo de decisão política. Nova foi, igualmente, a forma com que a corporação armada passou a se articular com uma nova tecnocracia, fortemente apoiada nos interesses do capital nacional e multinacional, com respaldo das classes médias urbanas. Tradicional, no entanto, foi a utilização de recursos do Estado para arregimentar apoio dos setores oligárquicos nas regiões mais atrasadas (embora não apenas nelas!), uma prática herdada desde os primórdios dos tempos republicanos no país.

Do ponto de vista de hoje, o Movimento de 31 de Março teve, como uma de suas principais conseqüências, e contraditoriamente, o florescimento da democracia entre nós, justamente como uma reação antagônica ao seu escopo autoritário. Mais ainda, no bojo do processo de contestação, o golpe de 64 levou à formação de uma sociedade civil participativa e atuante, condição essencial à própria vigência dos ideais e das práticas democráticas.

Em termos projetivos, o Movimento de 31 de Março nos legou, entre outras dramáticas reminiscências, o espectro da ditadura. As democracias, para além de sua mera existência formal, precisam dar respostas efetivas e eficazes aos problemas que a sociedade coloca frente aos gestores do Estado. Em um país marcado por profundas desigualdades sociais e econômicas como o nosso, a democracia não pode deixar de ser o que pretende ser. Um processo continuado de negociação entre interesses de natureza e peso político distintos que não visa ao impasse, mas exatamente à busca de soluções que atendam a maioria da população. E aí reside a pauta das incertezas. Como a democracia servirá no Brasil para eliminar a brutal exclusão de milhões de brasileiros, afirmar a nossa soberania nacional e dar início a uma nova fase de desenvolvimento econômico que crie emprego, com saúde e educação de qualidade, para a maioria de nossa população.

Eurico de Lima Figueiredo é chefe do Departamento de Ciência Política e coordenador-executivo do Núcleo de Estudos Estratégicos (Nest) da UFF.

realização



Universidade Federal Fluminense - Reitor: Cícero Mauro Fialho Rodrigues - **Vice-Reitor:** Antonio José dos Santos Peçanha
Núcleo de Comunicação Social - Diretora: Cristina Ruas - **Momento UFF - Editoras:** Pamela Archontakis e Regina Schneiderman
Redação: Kátia Vieira, Luiza Peluso, Pamela Archontakis, Regina Schneiderman, Rosane Fernandes e Sonia de Onofre
Programação Visual e Diagramação: Afonso Vicente Araujo Almeida e Marcos Aurélio do Rego Monteiro - **Capa:** Daniel Saturnino - **Foto Capa:** Locomotiva Maria Fumaça / Acervo da RFFSA - **Bolsistas:** Carolina Bittencourt, Daniel Braga, Fernanda Gomes, Fernanda Pimentel, Flora Lobosco, Mariana Mello de Medeiros e Priscilla Mansano (Jornalismo), Arnold Eduardo Zárate Aldana, Carolina Vignoli e Daniel Saturnino Braga (Programação Visual e Diagramação), Eduardo Heleno de Jesus Santos (Fotografia) **Endereço:** Rua Miguel de Frias, 9, 8º andar, Icaraí, Niterói/RJ - 24220-000 **Tels.:** 2629-5239 e 2629-5240 (telefax) - **E-mail:** nucs@vm.uff.br - **Tiragem:** 13.000 exemplares - **Fotolito e impressão offset:** Graffiti Gráfica e Editora Ltda. - **Site UFF Notícias:** www.uff.br



Saudável a vida inteira

UFF tem programa exclusivo para a saúde da mulher idosa

Carolina Bittencourt

Num futuro próximo, o Brasil será um país de idosos, que representarão mais de 50% da população brasileira. Entretanto, a chamada “terceira idade” não conta, até o momento, com um programa público específico para sua saúde.

Como a perspectiva de envelhecimento no país é grande, em breve haverá procura maior para atendimentos médicos de doenças como câncer, diabetes e problemas ósseo-articulares e de pressão. Além disso, levando em conta que a mulher tem sobrevida maior que a do homem, é possível prever que a população de idosos será predominantemente feminina. Assim, a chamada “feminização” da terceira idade evidenciará os problemas de saúde das mulheres.

“Se não nos prepararmos, haverá um colapso”, alerta Selma Petra, professora de Enfermagem da UFF e coordenadora do projeto de extensão A Enfermagem no Programa de Geriatria e Gerontologia. O trabalho, aprovado pelo CNPq em 1998, visa diminuir a carência de atendimento e orientação aos idosos. A idéia surgiu quando Mirian da Costa Lindolpho, vice-coordenadora do projeto, percebeu que muitas idosas não se importavam com a parte preventiva dos cuidados com a saúde.

Mestre em oncologia pelo Instituto Nacional do Câncer (Inca), Mirian constatou que as idosas procuram resolver apenas os problemas que as incomodam. Segundo ela, o perigo está no fato de o câncer ter um período de silêncio, e esse grupo somente se dá conta da doença em seu estágio mais avançado, quando os prejuízos estão explícitos.

Mirian Lindolpho verificou que as idosas não valorizam o exame preventivo e acredita que isso se deve ao preconceito e à forma como são divulgadas as campanhas de prevenção do câncer em mulheres. “A propaganda sobre a saúde feminina na mídia é voltada para a mulher na idade fértil. Mas o câncer as atinge em todas as idades. Vendo esse tipo de comercial, as idosas deixam de fazer o preventivo, porque elas não se identificam com a imagem. Não há mulheres mais velhas nas propagandas, somente jovens.” E completa: “Quando a idosa desenvolve o

câncer, ele é mais invasivo do que numa jovem. Portanto, a probabilidade de mortalidade será maior. A idosa precisa de acompanhamento sequencial, porque está predisposta, além do câncer de colo de útero, ao de ovário, de vulva e de mama.”

Preocupada com o desinteresse dessas mulheres pelo exame, Mirian Lindolpho desenvolveu outro projeto intitulado A Prevenção do Câncer Ginecológico inserido no projeto A Enfermagem no Programa Interdisciplinar de Geriatria e Gerontologia. “Esse programa serve como um despertar para a integridade. Todos sabemos que temos de nos cuidar, mas o que move o próprio cuidado é uma questão filosófica e cultural. Por isso, é necessário o acompanhamento”, destaca.

O projeto teve início com a realização de um preventivo. Para isso, foram convidadas 86 idosas. Destas, 46 foram entrevistadas e marcaram o exame, mas somente 35 compareceram. “Todas afirmaram que não tinham dificuldades para fazer o exame, mas, na hora, muitas faltaram. Há algo velado dentro da mulher no seu próprio cuidar e é isso que eu quero descobrir”, aponta Mirian.

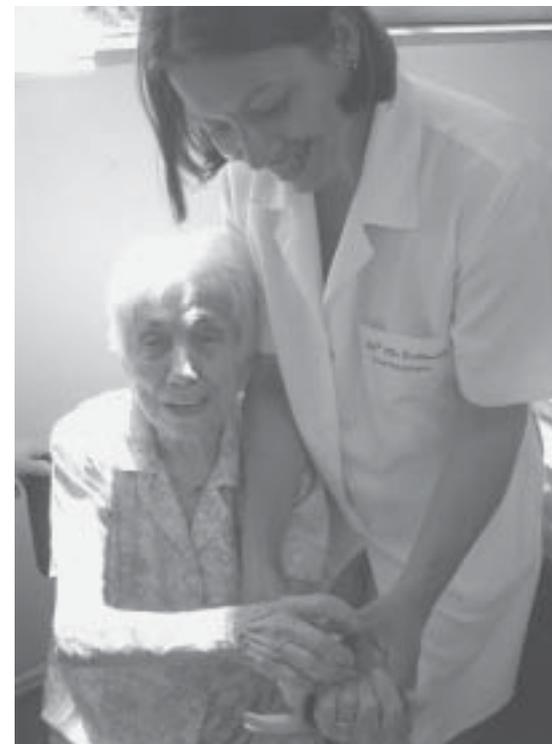
O resultado dos exames indicou que 75% das mulheres apresentaram processos inflamatórios e 8,57% não tiveram nenhuma alteração. Alguns casos exigem que o exame preventivo seja realizado semestralmente, mas a regra é que seja feito uma vez por ano. Doenças sexualmente transmissíveis ainda não foram detectadas na pesquisa.

O projeto

No dia-a-dia do trabalho desenvolvido por Selma e Mirian, são feitos exames físicos, acompanhados de muita conversa. A enfermeira Selma explica que, para realizar o trabalho, não basta somente utilizar a teoria e a técnica: “Para cuidar do idoso, é preciso conhecer sua família, o meio em que vive e, principalmente, sua história de vida. Tudo isso interfere no tratamento e auto-cuidado. Ao mesmo tempo em que o paciente idoso é envolvente, ele é complexo, e, às vezes, difícil de lidar.”

As pacientes atendidas pelo projeto, em sua maioria, são de Niterói, mas há muitas de São Gonçalo. Em grande parte, são mulheres carentes que recebem até dois salários mínimos de aposentadoria – poucas ganham mais do que isso – e se encontram solitárias, já que os filhos cresceram e deixaram o lar.

Elas são encaminhadas pelo Huap e pela Secretaria Municipal de Saúde de Niterói para o Programa Interdisciplinar de Geriatria e Gerontologia. “A primeira consulta é com o geriatra. Depois, as idosas são atendidas pela assistente social, enfermeira, nutricionista e psicóloga”, explica Mirian Lindolpho.



Fotos: Eduardo Heleno

Acompanhamento e dedicação compõem o segredo para a eficácia do projeto

Prevenção do câncer

Não é a idade o fator principal para o aparecimento do câncer, mas a baixa hormonal que ocorre na mulher após a menopausa, diminuindo a capacidade de defesa do organismo e facilitando a proliferação de doenças.

Os tipos de câncer ginecológico mais comuns nas mulheres da terceira idade são o de vulva, ovário, colo de útero e mama. O de colo de útero pode ocorrer por HPV, mas não é o fator primordial para o surgimento da doença.

Enquanto os cânceres de vulva, ovário e de colo de útero só são diagnosticados através do preventivo, o de mama pode ser descoberto em seu estágio inicial se a mulher mantiver uma rotina de auto-exame.

Como a idosa não possui mais o ciclo menstrual (as mulheres em período fértil devem fazer o exame um dia após o fim da menstruação), orienta-se que ela escolha um dia no mês fixo para fazer o auto-exame. A mulher deve apalpar as mamas diante do espelho, em pé, sem a roupa. Depois, repetir o procedimento no chuveiro, com a ajuda da água. Por último, ela deve deitar na cama (ou em qualquer outro local de superfície lisa), colocar um travesseiro embaixo da coluna e aproveitar o relaxamento da musculatura da mama para apalpar outras partes que não foram tocadas. Ao término do exame, deve-se espremer o mamilo e notar se ocorre a saída de algum líquido.



Selma Petra e Mirian Lindolpho: coordenadoras do projeto

‘HPV, que bicho é esse?’

Livro propõe nova abordagem para tratamento da doença sexualmente transmissível

Fernanda Pimentel e Flora Lobosco

Desequilíbrio, briga, separação, revolta. Essas situações podem ocorrer quando alguém recebe um diagnóstico: HPV. Como o resultado de um exame pode virar de cabeça para baixo a vida de uma pessoa? Como a postura do médico pode ajudar ou piorar o quadro? Essas são as principais questões tratadas pelo professor Mauro Romero Leal Passos no seu mais recente livro, *HPV, que bicho é esse?* Nele, o autor conta histórias de pessoas que tiveram suas vidas afetadas pelo “fantasma” do HPV, apresentando conseqüências psicológicas mais desastrosas do que as físicas.

Mauro Romero é chefe do Setor de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) da UFF. Sua obra baseia-se em fatos, relatando casos de suspeita e de ocorrência da doença em forma de romance, o que empresta ao livro um ar diferenciado e prazeroso ao falar de um problema que assusta muitas pessoas. “Resolvi contar a verdade de forma mais romântica, a fim de avaliar a angústia das pessoas, pois o médico tem de levar em conta também os problemas sociais e emocionais”, afirma ele.

Que bicho é esse?

HPV é abreviatura de “human papilomavírus”, que significa papilomavírus humano, e ataca principalmente pele e mucosas, provocando o aparecimento de verrugas, vulgarmente conhecidas como “cristas de galo”. Conhecidas desde a Antiguidade, as infecções genitais pelo HPV chamaram a atenção a partir da década de 1980, quando se identificou a correlação dessas lesões com o câncer de colo uterino. Mais de cem tipos do

vírus já foram identificados até o momento. Destes, apenas 30 podem infectar a região anal e genital feminina e masculina. Eles são divididos em dois grupos: os de alto risco – que podem levar ao câncer – e os de baixo risco.

O HPV pode se instalar em qualquer região do corpo, bastando, para isso, que exista uma porta de entrada através de pequenas lesões da pele ou mucosa. Já se detectou o vírus não só na região genital, mas também nos olhos, boca, faringe, vias respiratórias, ânus, reto e uretra. A infecção por HPV é transmitida, na maioria das vezes, através da relação sexual. No entanto, existem outras formas de contaminação, como através do contato com superfícies contaminadas (roupas, objetos, sabonete, instrumental cirúrgico e outros).

Estudos comprovam que mais de 40% dos adultos sexualmente ativos são infectados por um ou mais tipos de HPV. Os jovens representam o grupo com maior número de infectados, chegando a taxas de 46% em mulheres de 20 a 30 anos. Porém a maior parte das infecções é transitória. Na maioria das vezes, o sistema

imunológico consegue combater de maneira eficiente a infecção, alcançando a cura, com eliminação completa do vírus, principalmente entre as pessoas mais jovens.

As verrugas podem ser diagnosticadas pelos exames urológico, ginecológico e dermatológico, enquanto o diagnóstico subclínico (assintomático) das lesões precursoras do câncer do colo do útero pode ser realizado pelo exame citopatológico (exame preventivo de Papanicolau). O uso da camisinha diminui a possibilidade de transmissão e, por isso, é recomendado em qualquer tipo de relação sexual, mesmo naquela entre casais estáveis.

Após a entrada do HPV no organismo, há uma fase de incubação que pode variar de semanas a meses. Na maioria das vezes, é detectado pelo sistema imunológico e assim destruído. Mas, em alguns casos, isso não acontece, por alguma falha do sistema de defesa ou pela capacidade infecciosa do vírus.

O vírus do HPV está presente em 95% dos casos de câncer do colo do útero. Os principais



Capa do livro *HPV, que bicho é esse?*

fatores de risco que contribuem para o surgimento da doença são baixas condições socioeconômicas, atividade sexual antes dos 18 anos, múltiplos parceiros sexuais, vício de fumar, poucos hábitos de higiene e o uso prolongado de contraceptivos orais. A grande arma no combate a esse tipo de câncer continua sendo a prática de exames preventivos anuais, como o Papanicolau.

Pouco se conhece da infecção no homem. De acordo com Mauro Romero, a maioria das infecções regride espontaneamente, entretanto, 45% dos pacientes tratados podem manter o vírus latente, isto é, ser portadores. Há alguns casos em que a infecção pode causar câncer de pênis, mas são raros.

A vacina contra o HPV está em fase de desenvolvimento, e um dos pólos da pesquisa é o Brasil. A previsão é que ela já esteja sendo utilizada em cerca de cinco anos.

O livro

O professor Mauro Romero iniciou suas pesquisas em 1987, quando ele e a professora Ledy do Horto dos Santos Oliveira e mais tarde, as professoras Sílvia Cavalcanti e Isabel Freguete Paixão, foram pioneiros em trabalhar com o DNA do vírus HPV no Brasil. Ele é o responsável pelas pesquisas clínicas, de diagnósticos e as demais profissionais trabalham com a parte virológica. Em 1988, foi criado o Setor de DST na UFF, que atende a população de baixa renda, além de ser o principal núcleo de pesquisas na área.

“Desde acadêmico, vejo que a doença não é só orgânica. O social está muito na frente. Como valorizo essa parte da medicina, com meus atendimentos pude perceber que as alterações emocionais estão intimamente relacionadas ao

“Com meus atendimentos pude perceber que as alterações emocionais estão intimamente relacionadas ao bem-estar das pessoas”

Eduardo Heleno



Professor Mauro Romero, do Setor de DST – UFF

bem-estar das pessoas”, explica o médico. Mauro Romero demonstrou que a infecção não acomete somente os genitais, mas também a psique das pessoas. “Fui brincando com as palavras e tentei colocar meu lado escritor na obra, porém toda ela é real e foi identificada por meio das consultas ao longo da minha carreira”, diz.

O grande inspirador do livro foi um artigo publicado por Romero que está na internet. O texto recebeu elogios da área médica. “Quando meus colegas de profissão começaram a me telefonar, dizendo que estavam utilizando meu artigo como forma de orientar seus pacientes, vi que tinha um produto legal na mão. Logo depois, apareceu o problema da Ana Maria Braga

com o HPV, fui entrevistado pelo “Fantástico” e a imagem que deveria ser veiculada era de que o vírus era um mal terrível. Sem dúvida, é uma doença grave, mas não é sinônimo de se ter câncer de colo de útero. Só após quatro horas, consegui convencê-los de que a doença pode involuir espontaneamente”, lembra o autor. A partir desse episódio, o médico começou a escrever a coletânea.

De acordo com o pesquisador, o livro mostra como o médico pode ajudar ou atrapalhar o

tratamento dos seus pacientes. “Muitas pessoas, após receberem o diagnóstico de vírus HPV, passam a ter aversão e inadequação às práticas sexuais. Se você não está sexualmente sadio, isso pode interferir em todos os fatores da sua vida. Daí a grande importância do papel do profissional de saúde, que é, acima de tudo, estar consciente de como mexe com a psique das pessoas”, ressalta.

A importância de uma boa relação médico-

paciente é preocupação constante do autor e um dos temas de destaque do livro. Para Romero, o profissional de saúde tem o compromisso de estar sempre atualizado, não podendo minimizar ou exagerar as consequências da

doença na sua relação com os pacientes. “A pessoa já sofre com a doença, e ainda mais porque é mal-atendida pelo médico.”

Outro ponto abordado no livro é a questão do comprometimento do profissional de saúde, pesquisadores, laboratórios, população e imprensa em geral, com o que é veiculado. “Muita coisa que é dita sobre o vírus não corresponde à realidade. Não é bom apavorar a população com informações do tipo ‘HPV é vírus que causa

câncer e que não tem cura’. A mídia tem de ter consciência do impacto que essas informações podem causar às pessoas”, alerta Mauro Romero.

O tratamento do HPV pode ser feito de várias formas, dependendo do caso. Geralmente, é realizado por meio de medicamentos e técnicas de remoção das lesões pelo laser ou microcirurgia.

O Setor de DST da UFF oferece atendimento gratuito ao público. As consultas e exames são realizados com hora marcada, de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h. Endereço: Campus do Valonguinho, Outeiro de São João Batista, s/n, Centro, Niterói. Informações pelo site www.uff.br/dst, e-mail dst@vm.uff.br ou pelos telefones 2629-2494, 2629-2495 e 2629-2504.

“Se você não está sexualmente sadio, isso pode interferir em todos os setores da sua vida. Daí a grande importância do papel do profissional de saúde, que é, acima de tudo, estar consciente de como mexe com a psique das pessoas”

As formas do HPV

As infecções anogenitais (ânus e órgãos sexuais) pelo HPV apresentam três formas distintas:

CLÍNICA: Caracteriza-se pela verruga genital visível a olho nu.

SUBCLÍNICA: Na maioria dos casos, apresenta-se sem sintomas ou apenas com sinais, como coceira, ardência, umidade e dor durante a relação sexual.

LATENTE: Caracterizada apenas pela presença do vírus, não apresentando sinais para diagnóstico.

Conforto e praticidade na hora do estudo

Bibliotecas da UFF passam por reformas e beneficiam estudantes

Priscilla Mansano

O que antes era apenas uma grande sala com bancos escolares e um balcão na frente dos livros, agora ganhou mesas, computadores, espaço reservado para os funcionários e uma sala de estudo. Com uma verba de R\$ 1,2 milhão do CT-Infra da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), duas das 24 bibliotecas da UFF – Nutrição e Odontologia e Administração e Ciências Contábeis – acabam de ser reformadas e reinauguradas. Juntas, elas atendem a mais de 2 mil alunos inscritos e a usuários externos. Até maio, está prevista a reabertura de mais três bibliotecas.

Esse tipo de investimento está sendo realizado em todo Sistema de Bibliotecas e Arquivo da universidade, com apoio da Proac, Propp e Proex. O investimento maior é proveniente do projeto CT-Infra I, no valor de R\$ 1,2 milhão, e CT-Infra III, de R\$ 2 milhões, aproximadamente, coordenado pela Propp. Os recursos da Finep tornaram possível a modernização do espaço físico e a aquisição de equipamentos de informática e softwares, o que permitiu a implementação do serviço de empréstimo de livros e outros materiais bibliográficos.

Segundo a diretora do Núcleo de Documentação (NDC), Maria da Penha Franco Sampaio, desde 2000, a prioridade tem sido as bibliotecas da UFF. Antes da reforma, elas funcionavam como “uma farmácia”, e um balcão separava os livros dos usuários. Agora os estudantes andam livremente pelas prateleiras até encontrar o que desejam. Esse serviço é chamado de acesso livre à estante. “É um avanço. O usuário tem muito mais liberdade, e, cientificamente, é o ideal”, afirma a diretora.

Para evitar furtos, foi instalado um portal de segurança e colocados códigos de barras nos livros. Também estão sendo implantados sistemas digitais de câmeras. Além disso, a ampliação do número de computadores facilitará o acesso à internet e à intranet e às bases de dados eletrônicas, como o Portal Capes. Essa página disponibiliza mais de 6.677 periódicos, com textos completos, e 185 mil títulos de teses pela internet. O serviço funciona há três anos nos terminais do NDC e agora chega aos alunos das novas unidades. Alguns títulos não apresentam texto integral na internet, mas podem ser conseguidos através do Sistema de Comutação Bibliográfica (Comut). Por esse meio, a pessoa localiza em que acervo está o item desejado, entra em contato com a biblioteca no Brasil ou no exterior e solicita o texto, que pode vir pelo correio ou por e-mail. Outra novidade é que o Centro de Artes UFF está expondo obras da sua coleção, transformando as novas unidades em espaços de arte.

Eduardo Heleno



NITERÓI E SÃO GONÇALO NOS TEMPOS DE GLÓRIA E RIQUEZA

Pesquisa revela o passado das cidades pelo depoimento de seus moradores

Arquivo Nacional – PH/FOT/3617 (2) - Correio da Manhã



Grupo de imigrantes russos na Ilha das Flores – 1932

“A fábrica era grande. Tinha pra mais de 3 mil funcionários. Era uma multidão de gente. Eles trabalhavam divididos em turnos. Saíam e entravam, às 4h, depois às 15h... Era trabalhador entrando e saindo o tempo todo, o dia todo... Você via os operários descendo de bonde ou pela Rua Doutor March, a pé (...) Os apitos das fábricas davam, para nós, o sentimento da hora, vamos dizer assim...”

“...o comércio do Barreto era espetacular. A Ilha do Viana descarregava mais ou menos 3 mil trabalhadores. Havia os funcionários da Fiat Lux e o pessoal da [fábrica de] tecido. Em Neves, tanto do lado direito como do esquerdo, tinha muito comércio. Havia botequins, farmácias, armazéns de secos e molhados, feijão em saca (...) Neves tinha tudo sem precisar ir para Niterói...., o comércio era todo garantido pelos portugueses que vinham imigrados...”

Esses depoimentos foram dados por moradores de Niterói e São Gonçalo, verdadeiros “guardiões da memória” que possuem tempo de vivência e convivência com a região e fazem parte do estudo *Imagens urbanas contadas por meio da paisagem: a antiga região industrial de Niterói e São Gonçalo – RJ*, da pesquisadora Leila Araújo. Realizado entre 2000 e 2002, sob a

orientação do professor Márcio Pinon de Oliveira, o trabalho foi apresentado como dissertação ao curso de mestrado em Geografia da UFF.

O que motivou o desenvolvimento da pesquisa foi o interesse da autora em encontrar uma explicação teórica para o declínio de uma região que, no passado, tinha indústrias de grande porte, relevantes no cenário econômico nacional. Com os depoimentos, a pesquisadora busca entender o que leva seus antigos moradores a realçar as qualidades desse lugar que hoje visivelmente apresenta

um quadro de abandono.

Desvendar as diferentes paisagens urbanas ao longo do tempo, identificar os processos políticos, econômicos e sociais que influenciaram e predominaram na área de estudo e entender a fala dos moradores sobre a imagem do lugar foram os objetivos da pesquisa. Leila procurou revelar os diferentes cenários que os antigos bairros industriais de Niterói (São Lourenço, Santana e Barreto) e de São Gonçalo (Neves, Vila Lage, Porto Velho e Gradim) tiveram ao longo dos séculos XIX e XX. Esses locais foram escolhidos por apresentarem entre si as mesmas características paisagísticas: são banhados pela Baía de Guanabara e tinham indústrias e casas para os trabalhadores em vilas operárias e conjuntos habitacionais. Ela analisou a organização fabril nesses bairros desde sua origem e conseguiu explicar os motivos para o esvaziamento industrial da região, a questão da memória urbana e sua importância para a sociedade.

Como era a paisagem da região

A pesquisa abrange as duas últimas décadas do século XIX e todo o século XX e explica as etapas do processo de urbanização desses bairros. Nestes havia, no início, fazendas de café e cana-de-açúcar que entraram em decadência.

Regina Schneiderman

O crescimento do Rio de Janeiro como capital federal provocou expansão populacional na região que pode ser associada também à chegada dos imigrantes. A decadência das fazendas desvalorizou as terras, o que contribuiu para a implantação de algumas fábricas ainda no século XIX. Pouco a pouco, foram se instalando pequenas empresas como olarias, fábricas de fósforos, alimentos (pescado e doces) e algumas de grande porte, como a Metalúrgica Hime, os estaleiros e uma fábrica de tecidos, no Barreto. Assim, esses bairros surgem com características industriais e uma população integrada a essa industrialização.

O trem e as ferrovias

Inicialmente, as ferrovias no Brasil pertenciam a vários proprietários e cada segmento ou ramal tinha um dono. Essas linhas eram propriedade dos próprios fazendeiros e empresários interessados em escoar a produção. Niterói era a antiga capital do Estado do Rio e vê surgir, no final do século XIX, a Ferro Carril Niteroiense.

No início do século XX, a cidade de Niterói, os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e o então Distrito Federal já eram servidos pela companhia inglesa Leopoldina Railway. A Leopoldina, ao longo de sua existência no país, funcionou em vários momentos com subsídios governamentais e na década de 1950 foi absorvida pelo governo federal.

O trem servia de transporte de passageiros e de carga. A matéria-prima chegava por trem para as indústrias. Pela ferrovia chegava o gado, o café, o açúcar e o ferro. Essa matéria-prima era processada nas fábricas de Niterói e São Gonçalo e seguia para o Porto do Rio de Janeiro e dali para outros pontos do litoral brasileiro.

Nessa região, funcionavam quatro estações de trem: a General Dutra, Maruí, Barreto e de Neves.

*Ruínas de uma fábrica no Barreto
Foto de Kátia Regina de Aquino Paz*

A Estação General Dutra era a principal da cidade de Niterói. Está situada na Rua Feliciano Sodré, ao lado da área do Porto de Niterói, e hoje encontra-se desativada. A Estação de Maruí, que no passado foi um pólo importante e recebia trens de cargas e passageiros, no momento, está em péssimo estado. Ainda assim, o transporte de passageiros para Itaboraí está funcionando, de forma precária, em dois horários.

Pela mesma linha chegava-se à Estação do Barreto e de Neves e dali seguia-se para a de Itaboraí ou em outro ramal para as cidades de Maricá e Cabo Frio. O trem que vinha de Minas Gerais, após passar por vários ramais, trazia como matéria-prima o ferro para a Metalúrgica Hime. De Cabo Frio chegava o sal, e de Maricá, a areia para fabricação de vidro na Vidrobrás.

Imigração

No final do século XIX e começo do XX, boa parte dos imigrantes que vieram para o Brasil estavam fugindo da pobreza ou de questões políticas que havia na Europa. Na primeira metade do século XX chegaram muitos portugueses, italianos e espanhóis. A Ilha das Flores, no bairro de Neves, abrigava a Hospedaria de Imigrantes, que por quase um século recebeu milhares de estrangeiros que por aqui chegaram.

Um grande número de imigrantes que chegava de navio pelo Porto do Rio de Janeiro era obrigado a ficar de quarentena na Ilha das Flores. Lá passavam por exame médico-sanitário e tomavam vacinas. A hospedaria tinha refeitório, escola para crianças, enfermarias, capela, e os imigrantes permaneciam por dois meses. Ali eles eram fichados para se saber o que faziam em seu país. Dependendo da necessidade de mão-de-obra, eram encaminhados para a lavoura. Muitos imigrantes seguiam para o Porto de Santos e iam direto para São Paulo. Depois, seguiam para fazendas do interior do estado e para o Sul do país. Outros eram encaminhados para o interior do Rio de Janeiro e do Espírito Santo.

Na Ilha das Flores, os imigrantes eram agrupados em alojamentos por nacionalidade – russos, poloneses, ucranianos, italianos, portugueses, espanhóis. Hoje no local funciona uma base militar da Marinha.

No final da década de 1950, a ilha passou a receber migrantes nordestinos. Além disso, também

foi usada como prisão para líderes e soldados presos nas revoluções de 30 e 32. E ainda serviu de cárcere no golpe militar de 1964. Hoje, a Ilha das Flores está unida ao continente pela Rodovia Niterói Manilha (BR 101 Norte).

Industrialização, comércio e políticos

Na região estudada existiam empresas de bebidas, tecidos, metalúrgica, naval, alimentos, vidros, entre outras. Os trens chegavam lotados de operários e todos desciam para trabalhar nas fábricas. As maiores funcionavam em até três turnos.

As estações de trem possibilitavam, direta e indiretamente, a criação de núcleos comerciais. A industrialização é que dinamizou o comércio dos bairros de Neves e do Barreto. Muitas fábricas tinham 300, 500 e até 3 mil funcionários. O comércio era intenso e tudo podia ser encontrado. Também havia bancos e clínicas de assistência médica e odontológica, além de hospitais. Para se ter uma idéia do progresso da região, Leila revela que a sede do Banco do Brasil, até a década de 60, funcionava no bairro de Neves, e só tempos depois foi aberta uma agência no Centro de São Gonçalo.

Essa relação, além de econômica era cultural também. Era comum as fábricas terem clubes e fazerem festas com orquestras. Havia mais de um cinema nos bairros de Neves e Barreto. Esses bairros eram intensamente freqüentados por políticos da época. Havia investimentos do governo nessas empresas.

“As grandes indústrias tinham um pé no governo”, afirma Leila Araújo. Políticos como Amaral Peixoto e Roberto Silveira – que foram governadores do Estado do Rio de Janeiro – e o presidente Getúlio Vargas freqüentavam a região. Os donos das empresas promoviam festas com sorteios e fogos que sensibilizavam o trabalhador. Os políticos compareciam a essas festas em campanha para conseguir votos. Na década de 50, Getúlio Vargas foi visto em campanha política pelas ruas de Neves e do Barreto. E, já como presidente, criou um restaurante popular no Barreto, para atender aos trabalhadores das fábricas da região. O estabelecimento funcionou até os anos 60.

Vilas operárias

Algumas empresas construíam vilas operárias para seus empregados e até hoje é grande seu

Arquivo Nacional EHCDC/JP – 1648 (16) - Agência Nacional



Presidente Getúlio Vargas assiste à entrega das corvetas Matias de Albuquerque e Felipe Camarão, na Ilha do Viana (situada entre a Ilha da Conceição e a Ilha de Mocanguê) - 1943

número na região. O desconto do aluguel em folha tinha valor simbólico. Os portugueses construíram outras vilas para abrigar suas famílias e depois passaram a alugar as casas como fonte de renda. Segundo a autora, os imóveis eram bem construídos e até a década de 70 e 80 os bairros tinham um ordenamento bem específico, com casas comuns, de vilas e fábricas. Muitos trabalhadores ocuparam os morros vizinhos ou os de São Gonçalo e Itaboraí. A maioria das empresas, antes de serem desativadas, vendia as casas das vilas operárias para seus moradores.

Sindicalismo

Por ter uma grande concentração de empresas, a região tinha também intenso movimento sindical. O trabalhismo brasileiro, o antigo PTB de Leonel Brizola e Roberto Silveira, exercia muita influência no movimento operário. O

P.M.N. Niterói 400 anos: 1573 a 1973 (livro)



Construção dos viadutos de acesso à Ponte Rio-Niterói e ao Centro de Niterói



12º aniversário do Instituto dos Marítimos na Ilha do Viana, 1945

sindicato mais forte da época era o dos marítimos. Leila comenta que, nas entrevistas com antigos trabalhadores dessas fábricas, eles destacaram a força do movimento sindical. Mas também revelaram que os companheiros que se envolviam nessa luta quando eram descobertos acabavam sendo demitidos pela empresa.

Declínio

De 1880 até 1920 a indústria é implantada em São Gonçalo e Niterói. A partir daí, o comércio se fortalece e a população passa

a viver e morar no seu entorno. O declínio começa na década de 40 e Leila aponta os fatores que contribuíram para isso. Entre 40 e 60, tanto o governo estadual como a Prefeitura de Niterói não conseguiam manter um governo por mais de dois anos. Os políticos eleitos ou indicados deixavam seus cargos no governo porque tinham interesse em serem governadores, deputados federais, senadores. Assim, não havia uma continuidade nos projetos governamentais. Outro fator foi a mudança da capital federal para Brasília em 1960, o que provocou esvaziamento político do Rio de Janeiro e o surgimento do Estado da Guanabara. Na década de 70 ocorre a fusão dos estados da Guanabara e do Rio. Niterói deixa de

ser a capital do Estado e, associada a isso, ocorre a transferência de várias indústrias para São Paulo ou o interior do país. A idéia era obter mais lucro transferindo a indústria para perto da matéria-prima que estava escassa na região. A empresa Ron Merino, fabricante de bebidas, teve outro destino: nem chegou a ser transferida. Ela foi comprada pela paulista Cinzano que optou pelo seu fechamento. Entre os anos 70 e 80 a fábrica

de fósforos Fiat Lux, que funcionava em Neves, foi transferida para o Paraná, pois recebia matéria-prima daquele estado. Leila conta que, antes

dessa mudança, a Fiat Lux vendeu as casas de sua vila operária para seus antigos funcionários sem dizer que iria sair dali. Outras empresas foram desativadas em função da conjuntura econômica do país. Elas usavam o trem e o mar, o que representava um custo menor para o transporte de carga. Após 1940, o governo federal promove uma política que dá prioridade à construção de estradas. A iniciativa coincide com a chegada das multinacionais que se instalam no país para fabricar veículos automotores. A política protegia os interesses externos do capital estrangeiro que desejava vender carros. Outro fator está ligado aos operários dessa região que, além de muitos, eram bastante organizados e sindicalizados, o que

“O golpe militar de 1964 foi um dos fatores mais importantes para o declínio da região. A presença militar nessa paisagem é representada pela existência de quartéis, entre fábricas e vilas operárias”

pressionava por aumento de salários e melhores condições de trabalho. Leila destaca no seu trabalho a influência da ditadura nesse processo. “O golpe militar de 1964 foi um dos fatores mais importantes para o declínio da região. A presença militar nessa paisagem é representada pela existência de quartéis, entre fábricas e vilas operárias.”

Ponte, Avenida do Contorno e Niterói-Manilha

A população de Niterói, para ir a São Gonçalo, só tinha como via de acesso a Rua Benjamin Constant. Era importante fazer uma outra estrada. Daí surge a Avenida do Contorno (1960) que foi o início de um processo maior. Ela uniu-se à Ponte Rio-Niterói e à Rodovia Niterói-Manilha. Para a construção dessas vias foram feitos vários aterramentos e muitas indústrias do litoral foram desativadas. Em alguns trechos, essa obra destruiu a vegetação litorânea que era de manguezal. Além disso, derrubaram-se vários prédios comerciais e residências nos bairros de São Lourenço e Santana. A Rodovia Niterói-Manilha trouxe, dentre outras conseqüências, o fim da Praia do Barreto que era freqüentada pela população local e dos bairros vizinhos, tanto de São Gonçalo como de Niterói.

Como fica a paisagem

Para a pesquisadora, a paisagem mudou, muda e mudará continuamente porque o homem tem o poder de se relacionar e, dentro de suas relações, ele causa transformações no espaço. Assim, o estudo, ao decifrar a paisagem, com seus vestígios do passado no presente, permitiu identificar as paisagens de hoje, que vivem num movimento constante no tempo.

Perfil

Leila de Oliveira Lima Araújo é graduada em Geografia e na UFF fez os cursos de especialização em Educação Superior no Brasil e de mestrado em Geografia.

Na universidade é técnica em Assuntos Educacionais e trabalha na Coordenação do curso de graduação em Geografia. Também é professora do Colégio Municipal Ernani Faria, em São Gonçalo.



Eduardo Heleno

Alerta aos pais: depressão já atinge crianças

Programa do Huap atende pacientes com ansiedade e depressão na infância

Priscilla Mansano

Dois irmãos, um menino de 8 anos e uma menina de 5, aparentemente saudáveis, brincam no Setor de Psiquiatria da Infância e Adolescência do Hospital Universitário Antônio Pedro (Huap) da UFF, enquanto aguardam atendimento. Qual seria a razão de eles estarem ali? Segundo a psiquiatra Regina Reis, têm depressão, porque presenciaram um assassinato. Apesar de assustador, o fato de crianças apresentarem uma doença que atinge principalmente o universo adulto já se tornou comum.

A médica Regina Reis é coordenadora do Programa de Tratamento de Ansiedade e Depressão na Infância e Adolescência do Huap. O trabalho teve início em 1998, fruto de pesquisa desenvolvida por ela, e hoje faz parte da rotina de atendimentos no Setor de Psiquiatria Infantil do hospital, devido à alta incidência de diagnósticos de ansiedade e depressão.

Regina explica que um dos métodos para identificar a doença é conversar com a criança e pedir que desenhe o que sente. Um desenho mostra uma menina na chuva, chorando e pensando em morrer. A autora tem apenas 8 anos e se refere ao que sente como “a vontade de morrer”. Conversando com a médica, disse que sente isso toda vez que os pais discutem. Regina diz que a paciente não quer que o pai vá morar em outro lugar e fica triste ao pensar nisso. É quando surge “a vontade de morrer” e vem à sua cabeça a idéia de cortar plástico, provavelmente porque sabe que é perigoso para uma criança.

Casos como o dessa paciente são extremos e preocupantes, assim como os números de atendimentos do hospital. Entre janeiro de 2000 e outubro de 2002, foram pesquisados 627 atendimentos feitos pela psiquiatria infantil do Huap. Os meninos representam 61% dos pacientes, contra 39% de meninas. No setor foram atendidos pacientes de até 17 anos, sendo que 41% deles tinham entre 7 e 11 anos. Dos jovens atendidos, 16% apresentavam sintomas depressivos, 12%, sintomas de ansiedade e 11%, de agressividade. As crianças em tratamento constante representam 12%. A maior parte dos

pacientes atendidos no Huap foram encaminhados de outros setores: 33% pela pediatria do próprio hospital, 12% pelos postos de saúde e 10% pela neurologia.

Entendendo a depressão

A doença atinge os neurotransmissores, gerando alterações químicas no cérebro do paciente. A pessoa passa a ter uma outra visão do mundo e dela mesma, e por mais que tente melhorar não consegue. Isso porque tem dificuldade de reconhecer que tem o problema e que deve procurar ajuda médica. No tratamento da depressão, é importante acompanhar as pequenas variações de humor das crianças. Alguns dos sintomas comuns da doença na infância

são cansaço, insônia, mau humor, baixa auto-estima, desinteresse, agressividade, dificuldade de concentração e baixo rendimento escolar. Muitas vezes, as crianças quietinhas podem estar deprimidas, mas, como não dão trabalho, os pais desconhecem a gravidade da situação. Quando as notas começam a baixar é que se percebe o problema. Muitos casos encaminhados ao Huap já estão em estágio avançado, como os de suicídio. Das pessoas que sofrem de depressão,

aproximadamente 15% cometem suicídio.

A médica explica que a separação dos pais é uma das principais causas de depressão na infância, assim como a morte de alguém próximo e mudança domiciliar. Além disso, é importante ressaltar que tristeza é muito diferente de depressão. Quando a pessoa está triste, ela chora, mas depois melhora. Na depressão o indivíduo não reage a uma situação por tempo indeterminado. Outros fatores que podem levar uma criança a desenvolver a doença são acidentes, queda da renda familiar, decepções e estressor intenso. Estressor é o ambiente em que a pessoa convive e os fatores que interferem nele – uma vizinhança violenta, pais opressores ou uma família onde os irmãos vivem brigando.

Como detectar a depressão infantil

Fique atento aos seguintes sintomas nas crianças:

- . Pequenas variações de humor
- . Cansaço
- . Insônia
- . Mau humor
- . Baixa auto-estima
- . Desinteresse
- . Agressividade
- . Dificuldade de concentração e baixo rendimento escolar

Dados sobre a doença

Somente em 1974, em um congresso em Estocolmo, na Suécia, a depressão foi aceita como uma doença. Antes disso, não era estudada pela comunidade médica. Até 2020 será a segunda maior causa de morte em todo o mundo, perdendo apenas para doenças cardíacas. A depressão atinge 15% da população mundial, isto é, 400 milhões de pessoas. Metade delas desenvolve crises e precisará de tratamento contínuo. Mas o que acontece com os outros 50%? Aí é que está o perigo, pois a maior parte dos casos de depressão não é diagnosticada. Primeiro, porque existe a recusa do doente em procurar ajuda, e, depois, pela dificuldade da família em aceitar que ele precisa de tratamento.

Estima-se que 80% dos deprimidos apresentam sintomas como ansiedade ou agitação. As alterações do sono, ou distímia, afetam 90% dos pacientes depressivos. Os hábitos alimentares e a falta ou excesso de sono estão intimamente ligados à depressão. É comum os pacientes terem insônia e a família desconhecer esse distúrbio. O descanso é essencial para a recuperação do deprimido. Mas sem abusos – dormir na hora certa, sem passar o dia todo na cama e a noite inteira acordado.

O doente também não deve pular as refeições. É primordial manter alimentação saudável e evitar o consumo de estimulantes, álcool e alimentos pesados à noite. Água, frutas e legumes podem ser consumidos à vontade. Ao se cuidar, o paciente aumenta a auto-estima e demonstra que quer se curar. Em dois meses de acompanhamento psicológico já é possível sentir melhora. Nos casos mais graves é necessário o uso de medicamentos e tratamento mais prolongado.

Foto: Priscilla Mansano



A doce melancolia

Livro revela vida e obra do compositor Nelson Cavaquinho

Mariana Mello de Medeiros

Deleuze e Guattari, dois dos principais nomes do pensamento francês, uma vez disseram que a arte é a única coisa que se conserva, ou seja, a arte tem o poder de imortalizar-se e imortalizar aquele que a criou. E nesse caminho, que a muitos inebria e naufraga, Nelson Cavaquinho passa, com toda a sua dor e melancolia, puro fascínio. Como uma forma de reunir e manter viva a raiz da música popular brasileira, conceito tão esvaziado nos tempos atuais, o professor José Novaes, do Departamento de Psicologia, lança o livro *Nelson Cavaquinho: luto e melancolia na música popular brasileira*. Em tópicos, o autor revela traços e histórias de um dos personagens mais originais da nossa música, além de analisar outras questões sobre o tema.

Interesse em escrever sobre Nelson Cavaquinho

“Aparentemente não existe ligação entre a minha formação, música popular brasileira (MPB) e Nelson Cavaquinho, que é um sambista de morro, um sambista de raiz. Isso porque me formei primeiro em Filosofia, no início da década de 1960 e depois fiz Psicologia. A MPB é uma das minhas paixões. Nossa música é uma das mais ricas e exuberantes, tendo uma infinidade de gêneros. Ela conseguiu se afirmar, desde o século XVIII, com a modinha. Para mim, o samba, em especial, é um exemplo magnífico do poder criativo das camadas populares brasileiras. O livro é resultado de uma tese de doutorado e, no fundo, eu tinha dúvidas se poderia realmente transmitir algo que é muito pessoal e apaixonante em formato acadêmico. Acredito que consegui. Defendi esta tese aos 59 anos. Quis fazer uma coisa que realmente me desse prazer, e não para adquirir apenas o canudo, o título.”

O lado ‘malandro’ do músico

“Nelson Cavaquinho é uma das figuras mais fascinantes da MPB. Era um sujeito, por exemplo, absolutamente desligado como pessoa. Como sambista estava fora desses esquemas em que o compositor popular se submete para ver sua obra gravada, divulgada. Era uma pessoa singularíssima. Esse foi um dos principais motivos que me levaram a estudá-lo. Eu o aproximo da figura do malandro, não só porque era um sujeito boêmio, de sair de casa, passar noites e noites perambulando pelo Rio de Janeiro, parando em tudo que era botequim, com o violão na mão, tocando somente as músicas dele. Mas também pelo fato de ele ter aversão ao trabalho organizado, como o de estivador do cais do porto. O malandro é esse tipo que recusava sua inserção no mundo do trabalho porque, para ele, o trabalho não era dignificante, além de não garantir a subsistência. As condições dos trabalhadores naquela época eram humilhantes, o serviço era mal remunerado, uma exploração sem fim. A ideologia do malandro é a de escapar da perseguição, do preconceito, tornando-se sambista.

Numa dessas entrevistas que fiz, o Sérgio Cabral lembrou que uma vez ele arrumou um ‘bico’ para o Nelson Cavaquinho que era o de distribuir o *Jornal do Brasil* na portaria para os funcionários que vinham trabalhar todo o dia de manhã. Ele disse que ficou profundamente arrependido porque nunca viu uma pessoa tão triste. Para nossa felicidade, Nelson Cavaquinho não ficou uma semana! O Nelson Sargento, um outro sambista da Mangueira, disse que uma vez também lhe arrumaram um trabalho de pintor de parede. Também não durou uma semana. Nesse sentido ele era um malandro, não um malandro provocador, de explorar os outros, mas aquele que se recusava a se inserir no trabalho da forma como estava organizado.”

A música de Nelson Cavaquinho

“Uma outra característica marcante da música dele está no título do livro. Ele é o que melhor expressa o luto e melancolia na música. Eu copiei o título de um ensaio famoso de Freud, em que ele faz a comparação entre os dois estágios: o luto é um estado normal; todo mundo o

desse cavaquinho

atravessa quando uma pessoa querida morre. Já a melancolia é o estado patológico, o estado grave de tristeza, depressão e abatimento. E Nelson Cavaquinho é fantástico para tratar disso, não exatamente para expressar esse estado depressivo patológico. O mais característico na personalidade melancólica é a preocupação com a morte. O indivíduo está constantemente pensando na morte e Nelson é conhecido por conta disso. Ele consegue falar da morte explicitamente até nas músicas que seriam sambas de exaltação. O compositor chega a um nível tal de obsessão pelo tema que na música 'Depois da Vida' ele fala de um homem que só consegue beijar a mulher depois de morta. Chega ao nível da necrofilia. E o mais interessante é que, com esse tipo de letra, Nelson Cavaquinho conseguiu se afirmar no mundo da música como um dos maiores sambistas do Brasil. É claro que o choro tem muito de melancolia, assim como o samba-canção de bossa das décadas de 40 e 50. Mas falar expressamente desse sentimento e colocá-lo como elemento central de sua composição, só ele conseguiu. Em várias músicas, há sempre esse argumento, como na letra 'Tire esse sorriso do meu caminho que eu quero passar com a minha dor'. E assim vai."

Parcerias

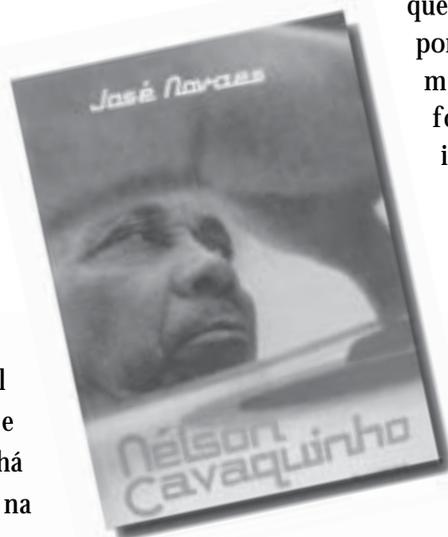
"Nelson teve muitos parceiros. Ele chegou a vender a mesma música para três, quatro, cinco pessoas. A história de venda de parceria é incrível. Existe uma música, das mais bonitas por sinal, cuja parceria é atribuída a César Brasil. Mas quem é César Brasil? Ele era gerente de um hotel fuleiro na Central do Brasil, onde Nelson Cavaquinho ia procurar estada para descansar um pouco durante uma noite, e aí, como forma de pagamento, deu a parceria da música."

O que é música popular brasileira?

"MPB, enquanto sigla, é muito discutida. Surgiu por volta dos anos 60 como uma categoria que incluía alguns bons músicos e excluía outros, dependendo da inserção de cada um nesse universo musical que, como disse, é extremamente rico. Quando se fala de música popular brasileira se fala desde o surgimento do primeiro gênero, no final do século XVIII, com a modinha. Toda essa difusão e expansão cada vez maior dos novos e dos grandes gêneros é uma coisa que leva a discussão muito adiante. Além disso, é preciso considerar uma série de mecanismos de mercado que necessariamente interferem na produção, criação, divulgação e venda de discos. Essa dinâmica da indústria cultural é muito limitadora e mais excludente do que qualquer categoria. O rock, por exemplo, não é brasileiro, mas pode ser popular por força de imposição da indústria cultural. Por isso, é difícil definir o que é MPB – por causa de todas essas tendências, que se cruzam, se disputam. José Ramos Tinhorão, pesquisador e um dos maiores críticos da música popular brasileira, é adepto incondicional da música que ele chama de raiz, de origem – o choro e o samba.

Dentro dessa questão, existe outra: as diferenças entre as classes sociais. O samba se originou principalmente entre grupos de negros que viviam na região que se estendia da Praça Onze à Lapa. Essa população recém-liberta tentava manter ali sua cultura, seus costumes, e assim o samba nasceu.

'Pelo Telefone', de 1917, é um exemplo típico de samba urbano, tal como o temos hoje, embora ainda muito 'amaxixado'. Os negros reuniam-se na casa das 'tias'. O choro, por ser mais aceito, era



Eduardo Heleno

Professor José Novaes, do Departamento de Psicologia

tocado na sala da frente e o samba, no quintal, porque ainda era muito perseguido. Era uma criação popular. Grandes sambistas negros das décadas de 20 e 30, como Ismael Silva, Geraldo Pereira e Wilson Batista eram da classe popular. Já Noel Rosa e Ary Barroso eram músicos de classe média, mas a maioria era da classe popular."

Massificação da música

"A indústria cultural cria um determinado padrão em que se avalia o estilo, não pelo seu valor estético, mas, sim, se ele vai vender. O novo, uma das principais características da criação artística, fica prejudicado. A obra de arte perde assim a sua autonomia. A mesmice é o padrão, não importam os componentes. A axé music, por exemplo, é um fenômeno da indústria cultural. Não há originalidade. O resgate de alguns nomes segue mantendo acesa a chama da música popular brasileira, como Ivone Lara e Chico Buarque, além de alguns que já morreram, como Moreira da Silva e Argemiro (da velha guarda da Portela) e muitos outros."

TROTE NOTA 10

Trote Cultural da UFF é premiado

Tradicionalmente, em alguns cursos universitários, os calouros são recebidos com “brincadeiras” humilhantes, vexatórias e até mesmo violentas.

Há três anos, a UFF colocou em prática o projeto Trote Cultural, criado pelo Setor de Marketing do Núcleo de Comunicação Social (Nucs), com a proposta de realizar atividades socioculturais e uma integração maior entre veteranos e novos alunos.

Neste ano, os projetos Trote Cultural do Nucs e do curso de Ciências Biológicas, receberam, junto com outras 14 universidades, o Prêmio Trote da Cidadania 2004, promovido pela Fundação Educar DPaschoal que desenvolve atividades de filantropia voltadas para a educação.

A premiação foi concedida no dia 12 de abril às instituições de ensino superior que organizam ações sociais de recepção aos seus calouros e estimulam a continuidade dos projetos iniciados no trote. Como prêmio, os projetos da UFF vão fazer parte do livro *Trote da Cidadania 2005*, da Fundação DPaschoal. A publicação será enviada a outras universidades e empresas, de modo a transformar os trabalhos em referência para todo o país. Serão distribuídos 3 mil exemplares. Além do livro, cada projeto vencedor receberá R\$500,00 e um troféu com o nome da universidade.

Os critérios de seleção do prêmio foram mobilização interna (Reitoria, corpo docente e discente), planejamento, benefícios trazidos à

comunidade, captação de recursos e de parcerias, visibilidade na mídia (jornais, revistas, rádio, TV – universitários ou não) e criatividade no desenvolvimento das ações.

Vale destacar que o projeto também ficou entre os 50 selecionados de um total de 312 inscritos no Prêmio Cultura Nota 10, da Secretaria de Estado de Cultura do RJ, e em janeiro de 2004 foi incluído no Banco de Idéias do site da Secretaria.

Este ano a UFF iniciou as atividades acadêmicas em Rio das Ostras, e o projeto Trote Cultural esteve no Pólo Universitário para receber os 95 calouros do 1º semestre. Várias atividades foram realizadas, entre elas, uma gincana cultural que envolveu e integrou

alunos dos cursos de Serviço Social, Ciência da Computação e Psicologia. Saiba mais visitando o site do projeto.

Sobre o Trote Cultural

No início de cada período letivo, o trabalho entra em ação para estimular e apoiar os diretórios acadêmicos na realização de atividades socioculturais, além de integrar calouros e alunos antigos. Essas atividades têm como proposta beneficiar comunidades carentes localizadas na área de atuação da UFF e favorecer, principalmente, crianças e idosos. Outras informações pelo site www.uff.br/trotecultural e pelo telefone 2629-5249.

LIVROS DA EDUFF

Gestão de contratos de construção e montagem industrial

Autor: Miguel Luiz Ribeiro Ferreira
87 p., R\$ 10

O livro é baseado na tese de doutorado do professor e engenheiro Miguel Luiz Ferreira e tem como principal mérito a possibilidade de sua utilização nos diversos segmentos da engenharia, com destaque para a inclusão de grandes projetos de infra-estrutura e grandes plantas industriais. O autor também enumera, didaticamente, todos os quesitos a serem incluídos nos contratos para a redução da incidência de tais “pleitos” e aponta caminhos para sua negociação. O livro reflete ainda sua experiência efetiva na implantação de diversos empreendimentos – com especial destaque para sua participação na construção e montagem da Bahia Sul Celulose, trabalho que o autor teve a oportunidade de compartilhar com amigos e colegas de profissão.

Oeste americano – quatro ensaios da História dos Estados Unidos da América, de Frederick Jackson Turner

Organizador: Paulo Knauss
108 p., R\$ 18

A obra reúne quatro ensaios escritos pelo norte-americano Frederick Jackson Turner (1861-1932), que abordam temas como o significado da fronteira na História americana, o problema do Oeste e suas contribuições para a democracia americana e o significado da “seção” (*não seria Secessão?*) na História americana. Selecionados e traduzidos pelo professor Paulo Knauss, os textos oferecem elementos para o estudo da História dos Estados Unidos e para a discussão do pensamento social americano. Por sua atualidade, qualidade de texto e interesse do contexto histórico estudado, o livro destina-se a qualquer pessoa que tenha curiosidade e vontade de pensar as

Américas e o Brasil, além das relações entre terra e democracia. Mas, fundamentalmente, o trabalho procura oferecer aos estudantes de História um material importante para o estudo das Américas, dos EUA e sobre o pensamento social americano.

Formação docente em Ciências: memórias e práticas

Organizadoras: Sandra Escovedo Selles e Márcia Serra Ferreira, 176 p.

O livro inaugura a série *Práxis Educativa*, promovida pela Faculdade de Educação da UFF, com apoio da Eduff, e tem o objetivo de socializar as pesquisas e reflexões que produz no campo das ciências da educação.

A escolha da temática da formação docente, focalizando de modo específico a prática do ensino, tem em vista os atuais contextos educacional e político brasileiros, resgata caminhos já

percorridos, buscando nas memórias os fios que hoje se entrelaçam. Assim, esta obra torna-se fundamental para uma melhor compreensão das políticas e práticas que constituem a formação profissional docente em ciência no país.

Os textos reunidos foram produzidos na 6ª Escola de Verão para Professores de Prática de Ensino de Biologia, Física, Química e áreas afins. O evento, que teve início nos anos 1990, promoveu intercâmbios acadêmicos e o aperfeiçoamento dos profissionais atuantes nestas áreas.

Apresentação de trabalhos monográficos de conclusão de curso

Autores: Estela dos Santos Abreu e José Carlos Abreu Teixeira
88 p., R\$ 13

Mais uma vez, a Eduff publica uma obra que vem suscitando grande interesse acadêmico. Esta é a sétima edição do texto – elaborado pela primeira vez em 1991 – que incorpora as três normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), publicadas em 2003.